

UM  
ENIGMA  
CHAMADO  
BRASIL  
29 INTÉRPRETES  
E UM PAÍS

André Botelho  
Lilia Moritz Schwarcz  
[ORGANIZADORES]

---



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by os autores  
Copyright © 2009 by os organizadores

Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.

PROJETO GRÁFICO  
warrakloureiro

FOTO DE CAPA  
© Hart Preston/ Time Life Pictures/  
Getty Images

PESQUISA ICONOGRÁFICA  
Lúcia Garcia  
André Botelho  
Lilia Moritz Schwarcz

PREPARAÇÃO  
Cecília Ramos

REVISÃO  
Angela das Neves  
Marise S. Leal  
Arlete Zeber

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país /  
André Botelho e Lilia Moritz Schwarcz (organizadores).  
– São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1549-5

1. Brasil – Vida intelectual 2. Ciências sociais – História  
3. Filosofia social 4. Historiografia I. Botelho, André.  
II. Schwarcz, Lilia Moritz.

---

09-09242 CDD-300.9

Índices para catálogo sistemático:  
1 Idéias sociais: História 300.9  
2 Pensamento social: História 300.9

[2009]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ LTDA.  
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32  
04532-002 – São Paulo – SP  
Telefone: [11] 3707 3500  
Fax: [11] 3707 3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

## SUMÁRIO

- Esse enigma chamado Brasil: apresentação 10  
André Botelho e Lilia Moritz Schwarcz
- Visconde do Uruguai: teoria e prática do Estado brasileiro 18  
Gabriela Nunes Ferreira
- O radicalismo político no Segundo Reinado 32  
José Murilo de Carvalho
- André Rebouças e a questão da liberdade 46  
Maria Alice Rezende de Carvalho
- Joaquim Nabuco: o crítico penitente 60  
Angela Alonso
- O turbulento e fecundo Sílvio Romero 74  
Antonio Dimas
- Nina Rodrigues: um radical do pessimismo 90  
Lilia Moritz Schwarcz
- Euclides da Cunha: o Brasil como sertão 104  
Nísia Trindade Lima
- Manoel Bomfim: um percurso da cidadania no Brasil 118  
André Botelho
- Paulo Prado, entre tradição e modernismo 132  
Carlos Augusto Calil
- Oliveira Vianna: um *statemaker* na alameda São Boaventura 144  
Angela de Castro Gomes
- Mário de Andrade: a invenção do moderno  
intelectual brasileiro 160  
Sergio Miceli
- Luis da Câmara Cascudo e o estudo das culturas  
populares no Brasil 174  
José Reginaldo Santos Gonçalves
- Os Brasis de Roger Bastide 184  
Fernanda Arêas Peixoto
- Chuvas de verão. “Antagonismos em equilíbrio”  
em *Casa-grande & senzala* de Gilberto Freyre 198  
Ricardo Benzaquen de Araújo
- Caminhos de Sérgio Buarque de Holanda 212  
Robert Wegner

Caio Prado Júnior e o lugar do Brasil no mundo	226
Bernardo Ricupero	
A sociologia de Guerreiro Ramos e seu tempo	240
Lucia Lippi Oliveira	
Estigma e relações raciais na obra pioneira de Oracy Nogueira	254
Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti	
Antonio Cândido: crítica e sociologia da literatura	268
Luiz Carlos Jackson	
A tradição renovada na obra de Maria Isaura Pereira de Queiroz	282
Gláucia Villas Bôas	
Gilda de Mello e Souza: entre a arte e a ciência	296
Heloisa Pontes	
Florestan Fernandes. Vocaçao científica e compromisso de vida	310
Maria Arminda do Nascimento Arruda	
Relações raciais e desenvolvimento na sociologia de Costa Pinto	324
Marcos Chor Maio	
Aposta no futuro: o Brasil de Darcy Ribeiro	338
Helena Bomeny	
A paixão latino-americana: Richard Morse	352
Pedro Meira Monteiro	
Raymundo Faoro e a difícil busca do moderno no país da modernização	364
Luiz Werneck Vianna	
Octavio Ianni: diversidade e desigualdade	378
Elide Rugai Bastos	
Fernando Henrique Cardoso: a ciência e a política como vocação	390
Leônicio Martins Rodrigues	
Roberto Schwarz: entre forma literária e processo social	406
Leopoldo Waizbort	
BIOGRAFIAS DOS INTÉRPRETES DO BRASIL 419	
Luis Felipe Kojima Hirano, Maurício Acuña e Samantha dos Santos Gaspar	
OS AUTORES 437	
CRÉDITOS DAS IMAGENS 443	

# ESSE ENIGMA CHAMADO BRASIL: APRESENTAÇÃO

André Botelho e Lilia Moritz Schwarcz

Não é exagero afirmar que o pensamento social brasileiro, bem como seus principais intérpretes, vem ganhando atenção crescente, desde a década de 1990, não só nos círculos acadêmicos como do público mais geral. É isso que indicam os balanços realizados sobre a produção contemporânea da área e seu lugar no interior de instituições de pesquisa e ensino ou de associações científicas, como na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais — Anpocs, cujo Grupo de Trabalho Pensamento Social no Brasil vem se reunindo continuamente desde 1981.<sup>1</sup> Além do mais, autores como Oliveira Vianna, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, para citarmos apenas alguns nomes, têm saído das estantes das bibliotecas dos especialistas e entrado cada vez mais nos discursos dos políticos, nas páginas dos jornais diários e em matérias de televisão. Há um interesse crescente pelas interpretações que o Brasil recebe e recebeu, e uma nova curiosidade acerca destes “Brasis”, desenhados, projetados e imaginados por tantos pensadores locais e estrangeiros.

O livro que o leitor tem em mãos expressa, portanto, esses sinais, percursos e movimentos. De um lado, representa um bom termômetro para aferir a consolidação da área de pensamento social, na medida em que, como mostra a história da divulgação científica,<sup>2</sup> a disponibilidade para o diálogo com o público não especializado e com os jovens em formação costuma ser um dos sinais mais significativos da maturidade de um domínio do conhecimento. Por outro lado, sua mera existência já sinaliza uma nova demanda, expressa pela criação e expansão de disciplinas obrigatórias para o Ensino Médio na área de sociologia, além da curiosidade renovada em conhecer aqueles que vêm refletindo so-

1 Balanços da produção da área de pensamento social são encontrados em Miceli, 1999; Oliveira, 1999; Bastos, 2002 e 2003; Brandão, 2007.

2 Ver Massarani, Moreira e Brito, 2002.

bre o Brasil. Assim, concebemos este livro como uma introdução ao pensamento social no Brasil. Algumas orientações editoriais foram decisivas: ao lado da linguagem mais desataviada e avessa ao hermetismo conceitual, procurou-se evitar também as muitas citações e referências bibliográficas que, frequentemente, podem interromper o fluxo da leitura. Tudo isso, claro, sem prejuízo da complexidade própria envolvida nas diferentes interpretações do Brasil aqui reunidas. Os ensaios foram organizados em ordem cronológica de nascimento dos intérpretes abordados, cujas biografias básicas o leitor encontrará ao final da leitura.

O livro apresenta as obras de 29 autores, as quais, tendo em vista as questões dos seus respectivos momentos históricos, e com os recursos intelectuais neles disponíveis, contribuíram de modo crucial para a compreensão da sociedade brasileira, dos seus problemas, dilemas e possibilidades. O resultado é uma visada geral sobre a nossa formação, nas várias dimensões desse processo — cultural, política e social — e tal como ele foi abordado por diferentes intérpretes em obras capitais da nossa tradição intelectual que, sinuosamente, remontam ao Império e chegam aos nossos dias. Estadistas e atores políticos do Império que, diante de problemas relativos à construção do Estado no plano político-administrativo, se viram desafiados a formalizar suas posições também no plano intelectual; os teóricos do racismo científico e seus críticos na Primeira República; modernistas de 1920 e ensaístas clássicos dos anos 1930; a geração pioneira dos cientistas sociais profissionais e seus primeiros discípulos são alguns dos personagens que aparecem nas páginas que se seguem.

Não se trata, é bom deixar claro, de supor a tradição intelectual brasileira como contendo alguma unidade perene em si mesma, tampouco de considerar que todas as interpretações do Brasil que a compõem estejam respondendo a uma mesma questão ou que sejam equivalentes. Também não se imagina que os intérpretes do Brasil dialoguem entre si de

maneira, apenas, harmoniosa. O pensamento social é feito de muitas contradições, ajustes e desajustes, e será frutífero entender esse painel, como uma grande e inesgotável multiplicidade. Ainda que afinidades e continuidades entre interpretações contemporâneas ou entre interpretações de diferentes momentos históricos possam ser buscadas, isso não altera a pluralidade constitutiva da tradição intelectual brasileira. Esta, em verdade, se assemelha mais a uma arena de conflitos interpretativos e de disputas sobre, ao fim e ao cabo, o que é o Brasil, como o leitor perceberá ao final da leitura.

Não se trata igualmente de propor uma visão evolutiva, em que uma teoria supera a outra, mas antes mostrar como não há continuidade previsível nesse tipo de seara e arena. Talvez a única preocupação que une os diferentes ensaios que compõem o livro seja a articulação tensa entre autor, obra e recepção; procedimento necessário para evitar os males do anacronismo, esse problema incontornável, mas que aflige a todo aquele que quer se debruçar sobre o passado, com lentes mais adaptadas. Ir ao passado com perguntas do presente é tarefa da qual não se desvia ou que se evita. Mas cobrar do passado o presente é desajuste de análise, problema de interpretação. O desafio é indagar nossos autores, suas questões, problemas e soluções, e dar ao tempo o seu tempo.

Acrescentamos que as diferentes interpretações do Brasil também se tornaram, ao longo do tempo, como que matrizes de diferentes modos de sentir e pensar o país e de nele atuar. Justamente porque não operam apenas em termos cognitivos, mas constituem também forças sociais que direta ou indiretamente contribuem para delimitar posições e conferir-lhes inteligibilidade em diferentes disputas de poder travadas na sociedade, as interpretações do Brasil existem e são reidas no presente.<sup>3</sup> E o reconhecimento de que essas interpretações, como outras formas de conhecimento social, não são

3 Ver Botelho, 2005.

meras descrições externas da sociedade, mas também operam reflexivamente, desde dentro delas, e tem permitido reverter a imagem, algo difundida no passado recente, da pesquisa do pensamento social como um tipo de conhecimento antiquário, sem maior significação para a sociedade e para as ciências sociais contemporâneas.

A esse propósito não podemos deixar de mencionar a relevância do papel desempenhado pelo Grupo de Trabalho Pensamento Social no Brasil da Anpocs, que, nos últimos 28 anos, vem continuamente cultivando as interpretações de que a sociedade brasileira tem sido objeto, fomentando o interesse por novos temas contidos nelas e aperfeiçoando as possibilidades teóricas e metodológicas de abordá-las. Esse Grupo de Trabalho, ou GT, tem se constituído em espaço de reflexão criativa, crítica e sistemática sobre nossa tradição intelectual, ensaística, científica e cultural, se caracterizando ainda pela promoção do diálogo entre pesquisadores de diferentes regiões do país, de diferentes instituições e em diferentes momentos da carreira acadêmica. Tal formato tem não apenas favorecido a constante renovação interna do GT, como contribuído para a consolidação de núcleos permanentes de pesquisadores em centros de reconhecida projeção no campo das ciências sociais nacionais, bem como para o fortalecimento de núcleos emergentes e, por fim, para destacar e reconhecer a importância de conhecer o Brasil a partir de seus intérpretes. Se a história é uma casa com muitas portas, adentrar o recinto a partir dessa janela é estratégia perspicaz.

Assinalamos a importância do papel deste GT da Anpocs porque o livro que apresentamos reúne como autores alguns dos pesquisadores que mais têm contribuído para o seu desenvolvimento. Os ensaios representam, em sua maioria, resultados de pesquisas sistemáticas e, muitas vezes, acaloradamente debatidos, entre os membros do grupo em suas reuniões anuais, muitos deles já formalizados em livros ou artigos acadêmicos voltados para o público especializado,

como se poderá conferir nas “Sugestões de leitura” ao final de cada um dos ensaios. Aliás, nos reunimos especialmente para discutir os textos constantes no livro nos dias 13, 14 e 15 de maio de 2009, num seminário na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Isso explica, em grande parte, a escolha dos intérpretes abordados, uma vez que ela decorre dos temas de pesquisas dos membros do GT. Sim, é certo que toda coletânea dessa natureza apresenta lacunas, e não faltará alguém para apontar algumas delas. Se outras coletâneas poderão incluir outros autores, também é fácil imaginar que novas edições não terão como deixar de fora os intérpretes aqui contemplados.

O que é mais importante, porém, é que o próprio problema revela o vigor desta área de pesquisa. Se a tarefa de eleger 29 intérpretes implica sempre seleções e esquecimentos, já a necessidade de novas obras, que contemplem mais autores e interpretações, indica a recorrência e a vitalidade com que a sociedade brasileira vem sendo continuamente pensada e levada a se repensar através dos seus intérpretes clássicos. Talvez isso ocorra, em parte, justamente porque, em meio ao labirinto da especialização acadêmica contemporânea e do decorrente fracionamento do conhecimento que não apenas separou a história da lógica das ciências sociais, mas implicou também o abandono das visadas mais gerais sobre a sociedade, as interpretações do Brasil, acadêmicas ou não, constituam um espaço social de comunicação entre *presente, passado e futuro* que pode nos dar uma visão mais integrada e consistente da dimensão de processo que o nosso presente ainda oculta.<sup>4</sup>

É certo que obras como esta refletem e produzem o momento sobre o qual pretendem se debruçar; por isso, se este livro significa um balanço do pensamento social brasileiro, é também um indício de que existe “uma comunidade (mais

4 Ver Botelho, 2007.

alargada) de imaginação”,<sup>5</sup> que tem se perguntado, com certa insistência, sobre o que “faz do brasil, Brasil”,<sup>6</sup> e que procura reler, traduzir e inventar tradições. Sinal de força para alguns, de provincialismo para outros, a obsessão na autointerpretação da nossa formação social indica em todo caso que as interpretações do Brasil proporcionam não apenas significados à vida social brasileira, mas sentidos às ações e aos processos que conflituosamente a constituem, e é isso que nos convida a voltar ao seu legado intelectual, para aceitá-lo, problematizá-lo ou, por vezes, rejeitá-lo.

Certa vez Tom Jobim teria dito que “o Brasil não é para principiantes”. O bardo como sempre tinha razão. Então, para começarmos a enfrentar esse enigma chamado Brasil, nada mais apropriado do que conhecer as interpretações que vêm sendo feitas sobre ele no presente, no passado recente ou mais distante. Com o mapa em mãos, além de orientação, quem sabe o leitor encontrará estímulos suficientes para esta e novas aventuras. Boa leitura!

Os verbetes são apresentados em ordem de nascimento do autor.

5 Anderson, 1991.

6 Da Matta, 2002.

## SUGESTÕES DE LEITURA

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a divisão do nacionalismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- BASTOS, Elide Rugai. “Pensamento social da Escola Sociológica Paulista”. In MICELI, S. (org.). *O que ler na ciência social brasileira*. São Paulo/Brasília (DF), Anpocs/Sumaré/Capes, 2002, pp. 183-230.
- \_\_\_\_\_. “O CPDOC e o pensamento social brasileiro”. In *CPDOC 30 anos*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, pp. 97-120.
- BOTELHO, André. *O Brasil e os dias*. Bauru (SP), Edusc, 2005.
- \_\_\_\_\_. “Intérpretes do Brasil, nossos antepassados?”. In RICUPERO, Bernardo. *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. São Paulo, Alameda, 2007.
- BRANDÃO, Gildo M. *Linhagens do pensamento político brasileiro*. São Paulo, Hucitec, 2007.
- DA MATTÀ, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil*. Rio de Janeiro, Rocco, 2002.
- MICELI, Sergio. “Intelectuais brasileiros”. In \_\_\_\_\_. (org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. 2ª ed. São Paulo/Brasília (DF), Anpocs/Sumaré/Capes, 1999, pp. 109-47.
- MASSARANI, L., MOREIRA, I. de C. & BRITO, F. (orgs.). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2002.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. “Interpretações sobre o Brasil”. In MICELI, Sergio (org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. 2ª ed. São Paulo/Brasília (DF), Anpocs/Sumaré/Capes, 1999, pp. 147-81.